



A EROTIZAÇÃO DO ÓDIO: CONTRIBUIÇÕES DE STOLLER PARA A CLÍNICA DAS PERVERSÕES

Ricardo César Gonçalves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5166-6684>.

E-mail: ricardo-cesar123@hotmail.com.

Paulo Roberto Ceccarelli

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2121-1977>.

E-mail: paulorcbh@mac.com.

Resumo: O presente ensaio aborda alguns aspectos da temática das perversões e seu arcabouço teórico-clínico. Inicialmente, parte-se de uma revisão bibliográfica dos textos freudianos sobre as perversões e sua íntima imbricação com o sexual em sua obra. Em seguida, serão analisadas as contribuições teóricas de Robert Stoller sobre a clínica das perversões e sua conceitualização como forma erótica do ódio. Procura-se apontar como as inovações teóricas de Stoller possibilitaram uma nova forma de compreensão na clínica das perversões. Conclui-se que as observações clínicas feitas por Freud e, posteriormente, Stoller ecoam na contemporaneidade, demonstrando a inovação e ousadia conceitual de ambos os autores.

Palavras-chave: Perversão. Erotização do ódio. Sexualidade. Conceito.

THE EROTIZATION OF HATE : STOLLER'S CONTRIBUTIONS TO THE PERVERSION CLINIC

Abstract: This essay addresses some aspects of the theme of perversions and their theoretical-clinical framework. Initially, it starts with a bibliographic review of Freudian texts on perversions and their intimate overlap with the sexual in his work. Then, Robert Stoller's theoretical contributions on the clinic of perversions and their conceptualization as an erotic form of hatred will be analyzed. It seeks to point out how Stoller's theoretical innovations enable a new form of understanding in the clinic of perversions. It is concluded that the clinical observations made by Freud and, later, Stoller echo in contemporary times, demonstrating the innovation and conceptual boldness of both authors.

Keywords: Perversion. Hatred eroticization. Sexuality. Concept.

POLÊM!CA

LABORÉ



Polêmica - Revista Eletrônica da Uerj - Rua São Francisco Xavier, 524, 1º andar

bloco D, sl.1001 • Tels.: +55 21 2334-4088 / 4087 • <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/index>
<http://www.labore.uerj.br> • laboreuerj@yahoo.com.br

Introdução

O presente ensaio propõe rever as concepções teóricas de Freud e Stoller sobre as perversões. É válido ressaltar que de acordo com Meneghetti (2011), um ensaio caracteriza-se por sua natureza reflexiva e interpretativa, sendo utilizado como uma ferramenta importante para construção do conhecimento. Outrossim, foi realizada uma revisão bibliográfica com objetivo de analisar as formulações a respeito da perversão em ambos os autores. Dessa forma, procuramos demonstrar como as observações clínicas de Freud e, posteriormente, Stoller proporcionaram um ângulo de visão inédito sobre a temática.

Sendo assim, a princípio será apresentado um breve resumo sobre o desenvolvimento conceitual da perversão na obra de Freud. Todavia, cabe destacar que a temática da perversão já era discutida muito antes da apresentação sistemática exposta nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016). Autores como Krafft-Ebing e Havelock Ellis, em suas respectivas obras *Psychopathia Sexualis* (1886) e *Sexual Inversion* (1897), já utilizavam o termo “perversão”, sem, entretanto, conter o mesmo significado semântico proposto pela psicanálise (CORRÊA, 2006).

A medicina do século XIX, imersa no discurso positivista e tecnicista sobre a sexualidade, relacionava a perversão a uma “tara degenerativa”. “A etapa final da aventura semântica dessa palavra se deu com sua conexão definitiva à sexualidade. As perversões adentravam o vocabulário da psiquiatria como anomalias” (FERRAZ, 2010, p. 22). A definição como “anomalia” estampava muito bem a tendência tecnicista que vigorava na época, tendo como finalidade a administração e a regulamentação do discurso sobre a sexualidade (FOUCAULT, 1985). Em outras palavras, o discurso médico relacionava o termo sexualidade à reprodução, utilizando-se de uma lógica utilitarista como forma de dominação. Portanto, tudo aquilo que “desviasse” da lógica reprodutivista se enquadraria como perversão.

Foi através da psicanálise, essa estranha disciplina a meio caminho entre a arqueologia, a medicina, a análise literária e a psicologia mais abissal, que o termo perversão ganhou novos contornos semânticos (ROUDINESCO, 2016). Nesse sentido, a partir de Freud, as perversões passam a ser analisadas como dinâmicas pulsionais específicas (CECCARELLI, 2011). É válido destacar, também, que não foi atribuído nenhum tipo de julgamento moral por parte de Freud às manifestações ditas perversas da sexualidade. Ao contrário, as perversões passaram a integrar o arcabouço teórico psicanalítico e, conseqüentemente, começaram a ser

estudadas com seriedade e rigor. “Há algo congênito na base das perversões, mas algo que todos os seres humanos têm em comum, que, como predisposição, pode oscilar na intensidade e ser enfatizado pelas influências da vida” (FREUD, 1905/2016, p. 71).

Em 1900, em sua magnífica *Interpretação dos sonhos, Herr Professor* – como Freud era chamado – constata que o processo de formação onírica é, indiscutivelmente, composto por componentes sexuais recalcados ao longo da vida (1900/2019). “Nos sonhos ele encontrava a perversão dos não perversos, o crime do inocente, a confissão do inconfessável” (CORRÊA, 2006, p. 86). Nessa perspectiva, observa-se a grande importância que Freud sempre atribuiu aos fatores sexuais na psicanálise.

Entretanto, é apenas em 1905 que uma primeira elaboração sistemática sobre a perversão é contemplada. Os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016) representam um significativo avanço no terreno teórico freudiano. Pela primeira vez, o polimorfismo sexual infantil, o qual o autor atribui uma legítima importância, é apresentado ao público. Nesse texto, Freud entende a perversão como uma fixação em uma modalidade de satisfação derivada de uma moção pulsional parcial que teria sido particularmente prazerosa. Além disso, a expressão “a neurose é negativo da perversão” (1905/2016, p. 63) traduz uma importante distinção nosográfica (FERRAZ, 2010).

A perversão descrita nos *Três ensaios* (1905/2016) é essencialmente caracterizada por uma fixação pré-genital da organização da libido. Dito de outra forma, a perversão, nesse momento inaugural, decorreria da impossibilidade da corrente genital impor-se às outras. Logo, um eixo organizador tirânico¹ marca a vida sexual do perverso (FERRAZ, 2010). Outro aspecto de basilar importância é a nota de rodapé número 83 presente no *Resumo*. Nessa pequena composição textual, Freud (1905[1915] /2016, p. 156) categoricamente afirma: “as perversões positivas são também acessíveis à terapia psicanalítica”.

Em *A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna* (1908/2020) nos deparamos com um Freud questionador a respeito dos discursos imperativos sobre a moralidade e sexualidade de sua época: “Constitui uma das evidentes injustiças sociais o fato de o padrão cultural exigir de todas as pessoas o mesmo modo de conduta sexual, o que alguns atingem sem dificuldade graças à sua estrutura [*Organisation*]” (FREUD, 1908/2020,

¹ Ferraz (2010) comenta que a perversão decorreria da impossibilidade da corrente genital da sexualidade prevalecer imposta na vida adulta. Em outras palavras, em função de uma fixação da libido, ocorrida na infância, uma corrente pré-genital impõe-se como eixo centralizador na vida sexual do indivíduo perverso.

p. 78). A inquietação freudiana frente à injustiça sócio-cultural advém do fato de, como visto, as dinâmicas pulsionais, ditas “perversas”, não terem seu eixo organizador em torno da “primazia do genital”.

Ainda em a *Moral sexual* (1908/2020), o autor disserta brevemente sobre o processo de civilização², ao qual devemos “o melhor do que nos tornamos, e uma boa parte daquilo de que sofremos” (FREUD, 1932/2020, p. 440). O estabelecimento e a subsequente manutenção do estado de cultura só foram possíveis graças à repressão das pulsões: “As forças utilizáveis para o trabalho de cultura são então, em grande parte, conquistadas através da repressão (*Unterdrückung*)³ das assim chamadas parcelas *perversas* da excitação sexual” (FREUD, 1908/2020, p. 75). O trabalho de cultura (*Kulturarbeit*) pressupõe essencialmente a repressão pulsional, o que se choca com os padrões estéticos impostos no eixo fundador da civilização (CECCARELLI, 2004).

A perspectiva da repressão pulsional como fundadora do trabalho de cultura é confirmada na famosa *Carta a Einstein*: “As alterações psíquicas concomitantes ao processo cultural são notáveis e inequívocas. Elas consistem em um deslocamento progressivo das metas pulsionais e de uma restrição das moções pulsionais” (FREUD, 1932/2020, p. 440). O que se observa é o processo de domesticação das pulsões, essa “estrada psíquica” repetida filogeneticamente, cuja origem se inicia no mito fundador do ancestral do homem, descrito em *Neuroses de transferência: uma síntese* (1915/1987), e termina no estabelecimento do estado de cultura, como descrito em *Totem e Tabu* (1913/2012) (CECCARELLI, 2015).

A temática da perversão é posta em cena novamente em 1919, no texto *Bate-se numa criança: contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais*. Dessa vez, a perversão ganha os contornos do complexo de Édipo, no qual a fantasia sadomasoquista descrita no texto exerce uma imprescindível função na dinâmica das identificações: “A fantasia de surra e outras fixações perversas análogas também seriam, então, apenas resíduos do complexo de Édipo, cicatrizes, por assim dizer” (FREUD; 1919/2017, p. 140). Através das observações clínicas contidas nesse estudo, Freud se vê capaz de dar um importante avanço na psicogênese das perversões. Seu eixo discursivo é baseado, sobretudo, no fato de que a

² A civilização humana representa, para Freud, “tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de suas condições animais [...] e recusa-me a separar cultura [*Kultur*] e civilização [*Zivilisation*]” (FREUD, 1927/2020, p. 234).

³ No texto *Moral sexual “cultural” e doença nervosa moderna* (FREUD, 1908/2020), a palavra utilizada é repressão (*Unterdrückung*) da sexualidade e não recalque (*Verdrängung*) da sexualidade.

perversão do adulto encontra seu alicerce na sexualidade infantil e nos destinos pulsionais edípianos (FREUD, 1905/2016). Mais tarde, Freud retoma esse ponto:

Por isso, a sexualidade infantil submetida ao recalçamento é a força pulsional mais importante da formação de sintoma, ao passo que a parte essencial de seu conteúdo, o complexo de Édipo, é o complexo nuclear da neurose. Espero com este ensaio, ter despertado a expectativa de que também **as aberrações sexuais infantis, assim como as da maturidade, derivam do mesmo complexo** (FREUD, 1919/2017, p. 153, grifo nosso).

A última teorização freudiana sobre a perversão é publicada no artigo *Fetichismo* (1927/2017). Segundo autores da escola lacaniana, esse trabalho representa a sistematização teórica mais importante sobre o tema. Verifica-se que a articulação epistemológica desse escrito gira em torno do mecanismo de recusa (*Verleugnung*) à castração. Por meio desse ângulo de observação, o que ocorre é o predomínio da recusa sobre o trabalho do recalque, favorecendo um outro contorno para a trama edípica, na qual os impulsos incestuosos não encontram uma delimitação muito clara (FERRAZ, 2010).

A ideia principal desse artigo é que o fetiche se perpassa como um substituto do pênis que o menino acreditou que a mãe tivera, “o que ocorreu foi que o garoto se recusou a tomar conhecimento do fato concreto de sua percepção: que a mulher não possui pênis” (FREUD, 1927/2017, p. 316). A consequência dessa recusa é expressa no fato de que o fetiche representa, sobretudo, um triunfo sobre a ameaça de castração, daí compreende-se sua alta carga valorativa na vida do perverso.

Outro ponto que merece comentários, diz respeito ao mecanismo de clivagem do Eu. Como se sabe, nas chamadas perversões positivas, ocorre o reconhecimento e, simultaneamente, a recusa da castração. Cabe questionar: como dois processos, aparentemente opostos, podem coexistir ao mesmo tempo no psiquismo? A metapsicologia psicanalítica responde a esse enigma por meio do mecanismo de clivagem. Sua definição consiste no processo de “divisão do Eu” (*Ichspaltung*)⁴, o que permite que coexista dois registros antagônicos no psiquismo, sem, contudo, que um anule o outro. Esse aspecto é considerado

⁴ Laplanche e Pontalis definem clivagem como: “Expressão usada por Freud para designar o fenômeno muito particular - que ele vê operar sobretudo no fetichismo e nas psicoses - da coexistência, no seio do ego, de duas atitudes psíquicas para com a realidade exterior quando esta contraria uma exigência pulsional. Uma leva em conta a realidade, a outra nega a realidade em causa e coloca em seu lugar uma produção de desejo” (2016, p. 65).

excepcionalmente importante na construção do arcabouço teórico sobre as perversões (FERRAZ, 2010).

O termo “estrutura” não foi utilizado até o momento. Isso porque estruturalismo, como teoria do conhecimento, surgiu apenas em meados de 1960, bem depois de Freud, tendo como grandes nomes Claude Lévi-Strauss e Ferdinand de Saussure, e foi Lacan o responsável por introduzir as posições estruturalistas na psicanálise. Portanto, é vital lembrar que Freud nunca se referiu às posições libidinais como estruturas fixas, mas, antes, como dinâmicas pulsionais. Sendo assim, insistimos na pergunta colocada por Ceccarelli e Santos (2009): o perverso inalisável da teoria lacaniana seria o mesmo do que fala Freud? Essa pergunta ganha contornos decisivos quando lembramos, como citado acima, que “as perversões positivas são também acessíveis à terapia psicanalítica” (FREUD, 1905[1915]/2016, p. 156).

O grande mérito da concepção estruturalista adotada por Lacan foi o de retirar a perversão do campo do desvio, para abordá-la como estrutura psíquica, tendo como mecanismo de defesa a recusa (*Verleugnung*) da castração (LACAN, 1955-1956/1985). Conseqüentemente, a estrutura perversa partiria do pressuposto do desafio constante à lei. Nesse sentido, não é incomum encontrarmos psicanalistas que não aceitam pacientes perversos em seu *setting* terapêutico (ROUDINESCO; PLON, 1998). Contudo, nos absteremos de abordar as concepções lacanianas sobre o fenômeno perverso, pois, o presente trabalho, como o título o indica, centra-se nas concepções stollerianas das perversões. Vale ressaltar, finalmente, que entre as diversas correntes da psicanálise, não existe unanimidade sobre a temática das perversões, embora a importância das posições de Freud se faça presente nas diversas leituras psicanalíticas (CECCARELLI, 2011).

A forma erótica do ódio: a perversão segundo Robert Stoller

Robert Stoller (1924-1991) foi um psiquiatra e psicanalista norte-americano que realizou boa parte de sua pesquisa na Clínica de Identidade de Gênero da Universidade de Medicina de Los Angeles na Califórnia, Estados Unidos. A vasta obra stolleriana é composta de inúmeras publicações, além de participação em eventos diversificados. Suas contribuições teórico-clínicas giram em torno de temas tais como: as sexualidades; as perversões; construção da identidade sexual e da identidade de gênero; transexualidades; problemáticas de gênero; as dinâmicas das disfunções e da excitação erótica e outras tantas. Mas foi seu

trabalho pioneiro e inovador sobre as transexualidades⁵ (na época falava-se de *transexualismo*), que lhe trouxe reconhecimento internacional, transformando-o em uma referência mundial sobre o tema⁶. O presente trabalho será centralizado, sobretudo, na obra de referência de Stoller sobre as perversões, publicada inicialmente em 1975, nos Estados Unidos: *Perversion: the erotic form of hatred*. Em 2015, o livro foi publicado no Brasil pela editora Hedra sob o título: *Perversão: a forma erótica do ódio*; e em 2018, uma segunda edição veio a público.

Apesar das inegáveis contribuições teóricas de Stoller, sua obra é relativamente pouco estudada no Brasil. Esperamos então, com este artigo, disseminar as posições teórico-clínicas do psicanalista norte-americano tanto para os estudiosos do tema, quanto para o público em geral, trazendo um ângulo de visão inédito acerca das perversões. Outro aspecto curioso é que autores bem conhecidos no Brasil, como Joyce McDougall (1997), têm Stoller como uma das suas principais referências teóricas na temática das perversões.

Com um estilo de escrita marcado pela simplicidade, porém em momento algum sendo simplório, Stoller é considerado um teórico freudiano *sui generis*, levando com grande seriedade as contribuições do pai da psicanálise (FERRAZ, 2010). Nesse seguimento, Stoller privilegiou as ideias freudianas não organicistas e, sobretudo, acreditava fortemente que não existiria uma “sexualidade natural”, regada pelos imperativos biológicos. Ao contrário, a sexualidade, segundo o autor, está baseada na história das relações objetais. Portanto, retomando Freud (1905/2016), a heterossexualidade também seria uma aquisição.

Stoller parte do pressuposto segundo o qual as dinâmicas familiares carregam uma enorme bagagem nas representações psíquicas infantis (STOLLER, 1975/2018). “Para Stoller, a perversão é o resultado de uma determinada dinâmica familiar que, introduzindo medo, força a criança a evitar o enfrentamento da situação edípica” (FERRAZ, 2010, p. 74). O desfecho do conflito edípico na perversão não seria o recalçamento, mas sim a evitação, o que resultaria no adiamento *ad infinitum* de sua resolução⁷ (FERRAZ, 2010). Stoller escreve:

⁵ Os principais trabalhos de Robert Stoller sobre as transexualidades são: *Sex and Gender: on the Development of Masculinity and Femininity* (1968) e *Sex and Gender: The transsexual experiment* (1975).

⁶ Robert Stoller é mundialmente conhecido por suas contribuições ao estudo das transexualidades. Esse ensaio não pretende abordar o fenômeno transexual. Para um estudo mais aprofundado sobre o tema, sugerimos: GONÇALVES; CECCARELLI, 2020. E também: CECCARELLI, 2017.

⁷ Ferraz (2010) destaca que o conceito de recusa (*Verleugnung*) não coincide exatamente com as ideias de Stoller, porém, indubitavelmente, guarda certa familiaridade com o mesmo.

Acredito que a perversão, diferentemente da aberração, seja produto da angústia, e que o comportamento sexual perverso esteja permeado de reminiscências, de destroços e de outros indicadores da história progressiva do desenvolvimento sexual do indivíduo – especialmente no âmbito de suas dinâmicas familiares. Caso o observador soubesse tudo o que aconteceu na vida da pessoa que está estudando, ele encontraria eventos históricos representados nos detalhes do ato sexual manifesto (1975/2018, p. 43).

O aspecto central dos escritos sobre perversão de Stoller gira em torno da hostilidade⁸ sobre o objeto. O autor defende a manutenção do termo “perversão” no vocabulário psicanalítico, visto que, em sua concepção teórica, o ato perverso expressa em seu âmago o ódio e a desumanização do objeto. A tentativa de inserir uma nova nomenclatura para as perversões, decorreria de uma certa postura intelectual que se caracteriza pela preocupação com a conotação moral que a palavra carrega. Todavia, a tese defendida pelo autor demonstra que a hostilidade e a vingança exercem uma função-chave na dinâmica perversa e, conseqüentemente, não haveria motivos para substituir uma nomenclatura já tão consagrada pela psicanálise (STOLLER, 1975/2018).

Como citado anteriormente, é notória a importância atribuída por Stoller às primeiras relações objetais presentes no seio familiar na gênese das perversões. Stoller parte do pressuposto de que a perversão é uma fantasia posta em ação, que progressivamente se organizou como uma “defesa erguida”, tendo como finalidade a repetição e manutenção da gratificação e do prazer erótico. Através do “ritual” presente na cena perversa, o que se observa é a repetição compulsiva e estereotipada de um trauma infantil, que é transformado em vitória na vida adulta. A perversão para Stoller é, portanto, a “forma erótica do ódio, é uma fantasia, em geral atuada [...] preferencialmente, necessária à satisfação plena e, principalmente, motivada pela hostilidade” (STOLLER, 1975/2018, p. 52).

O papel do trauma nas dinâmicas das perversões ganha grande relevância, podendo decorrer de diversas fontes. É necessário que a “gênese traumática”, por assim dizer, seja reconstruída individualmente no processo analítico. Stoller aponta três direções em relação ao traumático: um excesso de estimulação precoce, uma escassez na descarga pulsional e uma grave sensação de culpa. Esses três caminhos não são excludentes e podem ser registrados como traumáticos. A etapa posterior desse caminho psíquico seria, justamente, a

⁸ Stoller define hostilidade como: “Por ‘hostilidade’, eu me refiro a um estado em que alguém deseja danificar um objeto – o que a torna diferente da agressividade que, em geral, implica apenas no uso da força. A hostilidade, na perversão, toma forma de uma fantasia de vingança que se oculta nas ações que a consumam, e que serve para transformar um trauma de infância em um triunfo de adulto” (1975/2018, p. 52).

transformação do trauma infantil, através do ritual perverso, em vitória do adulto (STOLLER, 1975/2018).

A hostilidade na cena perversa subjaz a transformação de um trauma remoto, muitas vezes vivido passivamente, em triunfo ativo no adulto. Dito de outra forma: a hostilidade veste-se de fantasia de vingança. Deve-se levar em consideração, também, que as ditas perversões, em muitos casos, na realidade, se mostram como uma “solução” diante do absurdo traumático. Não se deve esquecer “o esforço que a criança traumatizada faz para salvar a si mesma” (STOLLER, 1975/2018, p. 145). Em síntese, o autor afirma que a maioria dos comportamentos sexuais (não só apenas aqueles ditos perversos) são resultantes de experiências as quais o sujeito “sobreviveu”, de tal forma, que se fosse possível observar cada indivíduo de perto, a ideia de normalidade se esfacelaria (STOLLER, 1975/2018). Nesse sentido, o autor escreve:

A descoberta dessas dinâmicas [as dinâmicas do erotismo] numa pessoa não nos permite prever quando a dinâmica vai conduzi-la além da fantasia e à ação. Estes são julgamentos que a teoria não pode fazer; eles só podem ser mensurados na situação clínica (onde, como sabemos, temos poucas formas apuradas de mensuração): quando o alaranjado fica vermelho? (STOLLER, 1985/1998 p. 21).

Para Stoller, ainda, “a excitação sexual depende de um cenário” e, para muitos, “a excitação erótica se compara à travessia de um campo minado” (STOLLER, 1993, p. 123).

A montagem da cena perversa e a metamorfose traumática

Para se discutir mais detalhadamente o processo de transformação do traumático em triunfante, é importante lembrar que o aspecto vitorioso presente no cenário perverso é exclusivamente momentâneo e, rigorosamente, não deve ser entendido como permanente ou definitivo: trata-se de uma vitória pontual sobre a ameaça de castração, que é metamorfoseada brevemente em triunfo. É necessário, também, levar em consideração o aspecto compulsório e repetitivo vigente na compreensão stolloriana da dinâmica perversa. Destarte, um trauma nunca cessará de exigir defesa.

Os maiores traumas e frustrações da primeira infância são reproduzidos nas fantasias e comportamentos que animam o erotismo adulto, sendo que desta vez a história tem um final feliz. Desta vez, ganhamos. Em outras palavras, o comportamento erótico adulto *contém* o trauma primitivo. Os dois se complementam: os detalhes do ‘script’

adulto contam o que aconteceu com a criança. Nós, analistas, somos então detetives tentando rastrear os eventos originais (STOLLER, 1991, p. 25)⁹.

Algumas composições clínicas e literárias, presentes na obra do autor, serão analisadas brevemente. Primeiramente, Stoller apresenta um pequeno recorte pornográfico vendido em sua época, denominado *Panty Raid*¹⁰ (Assalto às calcinhas). Nessa pequena história, que, para alguns, se revela como excitante e para outros carrega certa comicidade¹¹, Bruce King é um jovem universitário que, desafiado por seus colegas de fraternidade, tem como objetivo assaltar um varal de calcinhas para ser aceito em sua iniciação. Entretanto, o jovem rapaz fracassa ao ser capturado por um grupo de mulheres (fálicas, como afirma o autor) que, seguidamente, o obrigaram a vestir trajes femininos exageradamente apertados como sua punição. Apesar de certo constrangimento causado pela situação, aparentemente desconfortável, o coração do jovem batia enlouquecidamente em um frenesi de excitação (STOLLER, 1975/2018).

Stoller prontamente pergunta: “como é possível que a humilhação, produzida por ser forçado por mulheres hostis a vestir roupas femininas, cause excitação sexual?” (STOLLER, 1975/2018, p. 141). O pequeno livreto que narra essa história foi entregue a Stoller por um paciente de 37 anos, casado, pai de filhos e que, biologicamente, se caracteriza como um homem comum. Por volta de seus 3 anos de idade, a mãe do pequeno paciente foi gravemente acometida por uma doença crônica e, conseqüentemente, teve que ser hospitalizada por um longo período, o que, posteriormente, culminou em sua morte. Durante o período de hospitalização da mãe, o *infant* ficou sob os cuidados de sua tia e prima adolescente que, segundo o autor, “infelizmente, nutriam um imenso ódio pelos homens e pela masculinidade” (STOLLER, 1975/2018, p. 143).

O garoto foi, por repetidas vezes, vestido com roupas femininas por essas mulheres. Além disso, ele posou para fotografias que foram abertamente colocadas no álbum da família. Em seu quarto aniversário, poucas semanas antes da morte de sua genitora, o garoto foi apresentado à mãe como “a nova menina da vizinhança” e também tiraram fotos para “registrar toda a brincadeira”. Em sua vida adulta, o analisando relata não se recordar de tais

⁹ Nesta passagem, utilizamos a tradução proposta por Alberto Ribeiro Neto. Conf.: NETO, 2017.

¹⁰ O *Panty Raid* ficou conhecido por ser uma “brincadeira” universitária norte-americana muito presente em 1950. Grandes grupos de estudantes do sexo masculino tinham como objetivo invadir os dormitórios femininos e roubar suas calcinhas. Caso a meta fosse cumprida, o objeto era guardado como um “troféu” universitário.

¹¹ Como afirma Stoller (1975/2018, p. 134): “A delícia de alguns, corresponderá ao enfado de outros”.

eventos traumáticos; todavia, ao visualizar o álbum de família, sua esposa notou tais acontecimentos, os quais também foram confirmados pela tia.

O pequeno menino, que agora é um homem maduro e pai de família, só consegue ter ereções quando travestido de mulher durante a relação sexual¹². Sua esposa não só o aceita do jeito que é, como também o ajuda a comprar roupas e perucas. Observa-se, no presente ensaio clínico, que um desastre passado se tornou o triunfo presente. O perverso consegue, através de seu ritual, vencer momentaneamente um trauma passado, ou seja, converteu uma humilhação causada por mulheres em suas ruínas psíquicas, em orgasmo e vingança na vida adulta com a mulher desejada. Nas palavras de Stoller:

A vítima se transforma em vencedor. O garotinho foi humilhado, mas agora quem manda é o adulto perverso, vestido em roupas de mulher. Essas vestimentas, antes agentes do trauma, agora fazem sua delícia – ele está forte, sequioso, plenamente potente, e estão inteiros, tanto seu pênis quanto seu *self*, cheios de vigor e prontos para o orgasmo. Que melhor maneira pode haver de comprovar seu triunfo, do que comprovar sua potência na presença daquilo que, originalmente, o traumatizou? Assim ele se vinga, as mulheres, tão misteriosamente poderosas na infância – embora não percam nada de sua força – agora não são capazes de sobrepujá-lo (1975/2018, p. 152).

Outro fator importante diz respeito às identificações: verifica-se, através de sua fantasia perversa, que o menino continua identificado com as mulheres sádicas e fálicas de seu passado. Porém, travestido em seu presente, nota-se que ele, verdadeiramente, é uma mulher fálica (detentora de um pênis literal). Ou seja, ele se identifica com seu agressor e também o supera. Apesar de ter sua potência peniana parcialmente comprometida, ele sobreviveu psicologicamente (STOLLER, 1975/2018)!

Stoller também chama atenção para a problemática da manutenção de sua identidade sexual. Ele acredita que a perversão é uma forma rudimentar de preservar a identidade sexual construída. Em suas palavras: “Eu me percebi acreditando que a perversão surge como uma maneira de lidar com ameaças à identidade de gênero da pessoa, ou seja, com a própria noção de masculinidade e feminilidade” (STOLLER, 1975/2018, p. 41). Em síntese, por meio da fantasia perversa posta em prática, o menino consegue salvaguardar sua masculinidade que

¹² A tradutora Maria Lúcia da Silva comenta: “Hoje em dia emprega-se o termo *crossdresser*, inclusive em português, para representar o tipo que fala Stoller. Trata-se do sujeito que não se veste o tempo todo com roupas do outro sexo, mas que o faz em momentos específicos com claro propósito de conjurar uma angústia muitas vezes avassaladora” (STOLLER, 1975/2018, p. 133).

um dia foi humilhada. Portanto, o cenário perverso visa não somente a recusa à castração, mas, igualmente, a manutenção da identidade sexual ameaçada (FERRAZ, 2010).

Complementarmente, o perverso usa da sexualidade para fugir de estados psíquicos penosos ou para preencher lacunas no sentimento de identidade. Por meio de sua fantasia, o indivíduo, inconscientemente, empenha-se em tentar sair de um trauma que foi submetido anteriormente. Todavia, em decorrência do caráter compulsório de sua perversão, terá que fazê-lo *ad infinitum* para, momentaneamente, transformar o trauma em triunfo. Por fim, através da fantasia posta em prática, o trauma, episodicamente, se desfaz (STOLLER, 1975/2018).

Em última análise, onde ficaria o aspecto da hostilidade nesse caso? Stoller (1975/2018, p. 251) responde da seguinte maneira: “A hostilidade da perversão é uma reação a um trauma, um voltar-se para fora para encontrar uma vítima que se encaixe em sua vingança”. Constata-se que “hostilidade” e “agressividade” não são sinônimas, embora em algumas outras perversões como sadismo, necrofilia, pedofilia e zoofilia, o caráter agressivo pode se fazer mais acentuado. No caso exposto, o aspecto hostil manifesta-se na montagem inconsciente de uma fantasia vingativa em relação a mulheres. Diante disso, Ferraz escreve que: “É como se a história fosse lembrada em ato, mas contada com um outro desfecho oposto ao que teve na cena traumática real, agora de modo favorável à vítima” (2010, p. 77).

O breve fragmento clínico exposto não esgota de maneira alguma a complexidade e riqueza do tema. Talvez seja proveitoso advertir que a temática aqui expressa é capaz de apresentar-se em uma fantástica diversidade de configurações psíquicas perversas e, eventualmente, a análise de tais dinâmicas deve ser pautada no estudo cauteloso e individual. No entanto, nos parece que a perversão, em grande parte de seus casos, admite algumas características mais frequentes, entre elas destacam-se: a hostilidade e a vingança; a objetificação ou redução de pessoas (a um pênis ou um seio, por exemplo); a repetição compulsiva; o caráter inflexível da montagem da cena; promiscuidade demasiada e a realização da fantasia como fuga de estados penosos.

Perversão, ética e estética

Como se sabe, Freud inaugurou uma ciência, cujo objetivo é o inconsciente e que se refere ao campo das pulsões, sintomas, sonhos, atos falhos, chistes, afetos e enigmas, aquilo

que se chamava de irracional no homem. Desde sua primeira distinção nosográfica (a neurose como o negativo da perversão), Freud (1905/2016) atenta a lembrar que, nas neuroses, as fantasias sexuais perversas, em grande parte, estão disfarçadas, ocultas em sintomas. Já nas perversões positivas, o desejo e a fantasia são expressos de formas inequívocas. Indubitavelmente, a psicanálise é um contraste ao iluminismo racionalista, ainda que Freud demonstrasse grande admiração a homens renascentistas, entre eles, destacam-se Leonardo da Vinci e Michelangelo. A estética psicanalítica, sobretudo nas ditas perversões, vai para além do belo e do sublime (ROCHA; IANNINI, 2019).

Ao falar sobre as perversões, nota-se que a ética, estética, clínica e metapsicologia se interpelam em um jogo intricado de conceitos e compreensões (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1991). Se as perversões nos encantam, nos fascinam e nos inquietam, é por reativar processos orgânicos recalçados.

[...] ainda não nos acostumamos com a ideia de que o desenvolvimento cultural seja um processo orgânico. [...] Sensações que para os nossos ancestrais eram plenas de prazer tornaram-se indiferentes ou até mesmo desagradáveis para nós; existem razões orgânicas para nossas exigências éticas de estéticas terem mudado (FREUD, 1932/2020, p. 440).

Ainda sobre estética, concordamos que “nem belos, nem sublimes, os fenômenos abordados por Freud relembram o horror, o medo, angústia causada pelo mundo dos fantasmas, as assombrações e os duplos” (CHAVES, 2019, p. 156). Embora a humanidade tenha alcançado um significativo avanço tecnológico e comunicativo, assuntos ligados à sexualidade são enigmáticos, apresentando-se, para alguns, como assombrosos e desconcertantes.

Outra particularidade interessante diz respeito justamente sobre o uso do termo “perversão”, por vezes empregado por pessoas “normais” para projetar sobre o outro suas próprias inclinações perversas (ROUDINESCO, 2008). Stoller (1975/2018) comenta que para manter uma moral sexual social, é preciso formar uma categoria que possibilite enquadrar os desviantes (bodes expiatórios). Da mesma forma, a moral cristã¹³ tenta, através de seus imperativos bíblicos, regulamentar a sexualidade. Em Efésios (5:3), há a seguinte citação: “Fornicação, e toda a imundície ou avareza, nem sequer se mencione entre vós”.

¹³ Em um capítulo denominado *Sexo e pecado*, Stoller (1975/2018) reitera que a consciência de estar fazendo alguma coisa proibida, muitas vezes, aumenta a excitação sexual. Tendo isso em vista, o efeito de uma proibição moral excessiva seria, por vez, apenas o aumento da tensão sexual.

Contrariamente a isso, a psicanálise demonstra que as perversões são habitantes sorrateiros de nós mesmos, inconscientemente nos compõe e, por vezes, são estranhamente familiares (CHAVES, 2019).

Sobre a ética, devemos nos perguntar se a perversão não está, por muitas vezes, do outro lado do divã (CECCARELLI, 2004). Dito de outro modo, a imposição de uma teoria ou escola seria defesa contra a escuta do perverso tal como Freud entende esses sujeitos? O perverso é de fato inalisável ou é o analista que não suporta escutá-lo? Sabe-se, através de relatos clínicos e literários, que a escuta do paciente perverso requer do analista a capacidade de suportar o ódio que aparece via transferência, entretanto, isso não impossibilita o trabalho da análise. A supervisão clínica, a análise pessoal e o estudo continuado são ferramentas fundamentais no auxílio da escuta. Não descartamos também os efeitos contratransferências, muitas vezes presentes nesse tipo de paciente. O analista deve ser capaz de sustentar sua posição frente às desqualificações constantes que o analisando perverso costumeiramente expressa (CECCARELLI, 2011).

Considerações finais

As questões apresentadas neste texto não esgotam a diversidade do assunto. Constatase que a perversão tem múltiplas faces, seja no estabelecimento de sua fantasia ou em suas inúmeras compreensões teóricas. Apesar das diversas interpretações clínicas sobre a temática, a importância das primeiras relações objetais no seio familiar perdura com ampla concordância entre as vertentes psicanalíticas. Nessa perspectiva, a psicanálise privilegia a investigação da história de vida do sujeito e sua dinâmica pulsional específica, sem, contudo, excluir os aspectos filogenéticos e organicistas.

Sobre o avanço da pesquisa sexual, Stoller (1975/2018, p. 119) adverte que embora o seu desenvolvimento com viés neuroanatômicos tenha representado um exorbitante número em publicações acadêmicas, “ninguém ainda aprendeu a lidar com o desejo no laboratório”!

O autor reitera:

Alguém poderia fazer o favor de explicar a pedofilia em termos genéticos? Ou o fetichismo por sapatos como produto de um mecanismo cerebral constante, através do desenvolvimento evolutivo? Ou o exibicionismo peniano como um defeito hormonal? Ou a necessidade de estuprar mulheres velhas como efeito de condicionamento? Ou a necrofilia como meramente uma exceção estatística, encontrada além dos limites de uma curva de sino? (STOLLER, 1975/2018, p. 95).

As contribuições de Stoller para clínica psicanalítica das perversões são vastas, entre elas, ponderamos a importância dos elementos hostis no âmago da dinâmica perversa. Logo, quanto mais hostil, maior a probabilidade de tratar-se de perversão. Sua polêmica contribuição teórica presente na *forma erótica do ódio* (STOLLER, 1975/2018) expõe, com muita clareza e elegância intelectual, suas compreensões sobre a temática. Com toda certeza, a ausência das contribuições de Stoller é sentida no meio psicanalítico brasileiro.

As reverberações de Freud nos escritos de Stoller são igualmente nítidas. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2016) nos presenteia com uma valorosa conclusão acerca da perversão, na qual fica claro que: “A extraordinária difusão das perversões nos obriga a supor que também a predisposição às perversões não é uma peculiaridade rara, e sim parte da constituição julgada normal” (FREUD, 1905/2016, p. 71). Semelhantemente, Stoller afirma que todo comportamento sexual carrega consigo traços de mecanismos perversos. Nesse sentido, declara: “Como Freud nos perturbou! Ainda não conseguimos lidar com sua ‘acusação’ de que somos humanos” (STOLLER, 1975/2018, p. 95).

Esperamos que este breve escrito possa estimular a leitura de novos autores ao público brasileiro em geral. As contribuições teóricas de Stoller são extensas e giram em torno de uma grande variedade de temas. Além da perversão, consideramos seus escritos sobre formação da identidade sexual e problemáticas de gênero como extremamente atuais e, por vezes, até mesmo indispensáveis ao pesquisador. Concluímos lembrando que: “Uma obra é um berço, não um túmulo” (SERTILLANGES, 2019, p.151).

Referências

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Utah: A igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2015.

CECCARELLI, P. R. Freud traído. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 29, n. 54, p. 43-54, set. 2007.

CECCARELLI, P. R. A perversão do outro lado do divã. In: PORTUGAL, A. M. (Org.). **Destinos da Sexualidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 243-257.

CECCARELLI, P. R. As possíveis leituras da perversão. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 36, p. 135-148, dez. 2011.

CECCARELLI, P. R. Da perversão nossa de cada dia às grandes perversões do sexual. **Rev. Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 29-40, jul./set. 2015.

CECCARELLI, P. R. **Transesexualidades**. São Paulo: Pearson, 2017.

CECCARELLI, P. R.; SANTOS, A. B. R. Perversão sexual, ética e clínica psicanalítica. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 316-328, jun. 2009.

CHASSEGUET-SMIRGEL, J. **Ética e estética da perversão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

CHAVES, E. Perder-se em algo que parece plano. In: FREUD, S. **O Infamiliar e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 153-172. (Obras Incompletas de Freud, v. 8).

CORRÊA, Carlos Pinto. Perversão: trajetória de um conceito. **Estudos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 83-88, set. 2006.

FERRAZ, F. C. **Perversões**. 5. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FREUD, S. (1900). **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Obras Completas, v. 4).

FREUD, S. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obras Completas, v. 6).

FREUD, S. (1908). A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna. In: FREUD, S. **O Mal-estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Obras Incompletas de Freud).

FREUD, S. (1913). Totem e Tabu. In: FREUD, S. **Totem e Tabu, Contribuição à História do Movimento Psicanalítico e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (Obras Completas, v. 11).

FREUD, S. (1915). **Neuroses de transferência: uma síntese (manuscrito recém-descoberto)**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, S. (1919). Bate-se numa criança: contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais. In: FREUD, S. **Neurose, Psicose e Perversão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Obras Incompletas de Freud).

FREUD, S. (1927). O futuro de uma ilusão. In: FREUD, S. **O mal-estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Obras Incompletas de Freud).

FREUD, S. (1927). O Fetichismo. In: FREUD, S. **Neurose, Psicose e Perversão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Obras Incompletas de Freud).

FREUD, S. (1932). Por que a guerra? (Carta a Einstein). In: FREUD, S. **O mal-estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Obras Incompletas de Freud).

GONÇALVES, R. C.; CECCARELLI, P. R. O *unheimlich* e as transexualidades. **Estudos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 54, p. 135-146, dez. 2020.

LACAN, J. (1955-1956). **O Seminário, livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário de Psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

McDOUGALL, J. **As múltiplas faces de Eros**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.

MENEGHETTI, F. K. O que é um Ensaio-Teórico? **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 320-332, 2011.

NETO, A. R. **Pornografia na cultura virtual**: Considerações psicanalíticas sobre devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais. 2017. 108 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Pará, Pará, 2017.

ROCHA, G. M.; IANNINI, G. O Infamiliar, mais além do sublime. In: FREUD, S. **O Infamiliar e outros Escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 173-198. (Obras Incompletas de Freud).

ROUDINESCO, E. **A parte obscura de nós mesmos**: uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud**: na sua época e em nosso tempo. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SERTILLANGES, A. D. **A vida intelectual** – Seu espírito, suas condições, seus métodos. Campinas: Kírión, 2019.

STOLLER, R. J. (1975). **Perversão**: a forma erótica do ódio. 2. ed. São Paulo: Hedra, 2018.

STOLLER, R. J. (1985). **Observando a imaginação erótica**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

STOLLER, R. J. **Dynamiques de troubles érotiques**. In: FINE, A.; LE GUEN, A.; OPPENHEIMER, A. (Direction). Les troubles de la sexualité. Monographies de la Revue Française de Psychanalyse. Paris: Puf, 1993.

STOLLER, R. J. **Pain and Passion**: a psychoanalyst explores the world of S & M. New York and London: Plenum Press, 1991.

STOLLER, R. J. **Sex and Gender**: on the development of masculinity and femininity. New York: Science House, 1968.

STOLLER, R. J. **Sex and Gender**: the transsexual experiment. London: Hogarth Press, 1975.

Recebido em: 10/07/2020.

Aceito em: 30/08/2020.